

Corêa de Araújo

Harpas de Fogo

ORNA

869.91

C824h

Ao Coração de meu Pai

e

A Alma de pomba de minha
Mãe.

903

1-30581
1-30581

A' GUISA DE PREFACIO



Onde mingua o pão material, mingua fatalmente o pão espiritual, disse-me uma vez Manoel de Béthencourt, quando eu, um dia, cheio de enthusiasmo pelas coisas da arte, escolhido pelos meus companheiros de estudo, fui convidado-lo para dirigir uma revista literaria.

A principio revoltei-me contra tal proposição que eu ainda não ouvira de ninguem e em que nunca pensara até, proposição durissima que dadas as más condições politicas que avas-

salaram a gloriosa Athenas Brasileira, levava de uma vez todos os sonhos que eu tinha e uma porção de sonhos e phantasias de meus companheiros.

Revoltei-me contra ella e com a inexperiencia de minha idade, retorqui a asserção do velho mestre dizendo-lhe que a bôa vontade, o querer, o trabalho, emfim tudo isso reunido venceria todas as difficuldades que se nos antepozessem.

Elle, porém, calmo e paciente, depois de bocejar longamente, desenrolou-me enorme fi-cira de factos que me convenceram logo da veracidade de sua asserção.

Falou-me de Americo Azevedo e de Augusto Britto que muito fizeram por si, mas não encontraram quem fizesse alguma coisa por elles. Falou-me de J. Francisco Gronwell, um *causeur* magnifico, mas que acabou abandonando a imprensa onde deixou saudades, e abstrahiu-se na vida commercial. Falou-me de Euclydes Farias um humorista sem jaça, um forte que apesar de perseguido politicamente aqui, retirou-se para Belem do Pará, onde continúa a dar provas do seu talento. Falou-me de Pacifico

Bessa e Bayma de Carvalho dois poetas bons que não conseguiram vencer a resistencia do meio, completamente occupado em coisas mais uteis da vida e falou-me ainda de muitos rapazes talentosos, distintos filhos deste torrão abençoado, que morreram na obscuridade porque o trabalho para a subsistencia não lhes deixou tempo preciso para se occuparem seriamente das letras, e de outros que existem ainda desanimados e alquebrados pela idade e pelas privações.

E no entanto, todos elles iniciaram creações de revistas que morriam ao nascer ou que pouquissimo viviam.

Alguns conseguiram publicar livros que nos deixaram como lembrança do que foram. Mas esses livros não se espalharam e os seus nomes não se aureolaram com os applausos da multidão.

O que o illustre polemista me disse dos Brittos e dos Bessas, tem-se passado commigo e com os meus companheiros, differindo apenas no que diz respeito ao existir—até agora nenhum de nós quebrou o cabo da vida. No mais, passo a passo as difficuldades surgem, os

embaraços multiplicam-se, e o desanimo lavra feroz e cruento, enervando muitos espiritos bons, enquanto as necessidades da familia arrastam outros para fóra do campo das idéas.

Depois, os que em minha terra se entregam hoje á literatura, já encontram essas historias tristes dos Aluizios Porto, dos Autas Pereira, historias que gelam nas veias o sangue bom e vigoroso desses que as conhecem.

Taes, são, pois, as causas dessa especie de paradeiro que teve a literatura maranhense.

Aderbal de Carvalho escrevendo o livro—O Norte Litterario em 1895—notou o marasmo intellectual da terra de João Lisbôa, mas não estudou a causa desse marasmo, ou melhor não o quiz dizer.

Talvez fosse nisso que se apoiasse o Sr. Abdias Neves, para dizer num jornaleco que redige em sua terra, que o maranhense de hoje está intoxicado pela degenerescencia da collectividade do meio, alem de outros disparates equivalentes e semelhantes.

Mas não! Aqui não ha degenerescencia, podem crer todos os literatos do Brazil! O que realmente ha, é falta de meios, uma instrueção

publica deficiente e uma politica complicadissima que em tudo mette as unhas, ferindo para a direita e para a esquerda, separando elementos que devem estar reunidos, sepultando nas repartições publicas rapazes de merito real, esfalando no commercio, almas verdadeiramente grandes.

Aquí não ha degenerescencia, repito. O Sr. Abdias Neves enganou-se e enganado está tambem um Sr. Costa que se metteu a falar do nosso viver intellectual.

Na terra de Gonçalves Dias, ha uma mocidade viçosa e robusta que felizmente vae comprehendendo que deve romper de vez as peias amarissimas que a prende e affrontar as intemperies constantes e continuas que assaltam esta terra de algum tempo para cá, na maré cheia da infelicidade.

E entre esses moços citarei: I. Xavier de Carvalho, o auctor das Missas Negras, um dos que mais se têm esforcado para o seu levantamento, animando os estudiosos; Ignacio Raposo, o auctor das Protophonias; Costa Gomes, o auctor das Flôres e Fructos e dos Pantanos, livro de versos que sahirá brevemente; Fructuo-

so Ferreira, um velho desditoso que agora se ergue para as luctas; Napoleão Lobão, um lyrico de boa agua; Octavio Galvão, Leslie Tavares, Leoncio Rodrigues, Vespasiano Ramos, Caetano de Souza, Rodrigues de Assumpção, Maranhão Sobrinho, Gomes Filho, Lisboa Filho, Agostinho Reis, B. Vasconcellos, M. George Gronwell, Mendes Vianna e entre senhoras, Dd. M. C. Azedo Mattos, Laura Rosa, Blandina Santos, Papillon Bleu, esperançosas poetisas que têm n'estes ultimos annos collaborado em revistas, periodicos e jornaes não somente d'aqui, como de outros Estados do Brazil.

Como se vê, a geração maranhense que hoje brilha no ceu azul das artes, une-se outra cheia de esperança e de viço a qual pertence Corrêa de Araujo o joven auctor d'este livro de versos que agora prefacio.

Corrêa de Araujo tem apenas dezoito annos. E' filho de Pedreiras onde viveu até o anno atrazado. Do ninho materno sahiu trazendo um caderno cheio de poesias, como se fossem ellas a sua unica riqueza. Atirou-se ao commercio d'onde o carrancismo estúpido dos patrões, o retirou em breve. Quiz estudar e de facto a es-

tudar está, mettendo hombros e braços contra todos os obstaculos, aliás poderosissimos.

Ei-lo surgindo agora com este livro de versos—Harpas de Fogo—que se divide em duas partes, e por onde se vê perfeitamente as duas faces do seu talento robusto, ardente e impetuoso, cheio de grandes idéas e de grandes pensamentos o que ás vezes dá lugar a elevadissimas imagens, que a muita gente hão de parecer desmedidas e incomprehensíveis, o que tambem dá lugar a algum desalinhamento de estylo que sem duvida provém da ligeiresa e affoitez com que o poeta escreve.

Eu, seu collega e companheiro de trabalho, terminando estas ligeiras e despretenciosas linhas, auguro ao joven poeta, bôa recepção e muito valor para continuar a trilha que tão brilhantemente encetou.

NASCIMENTO MORAES

(Da Renascença Literaria).



Corrêa de Araujo

Não é um prefacio que vou fazer. Pretendo, apenas, em poucas palavras, dar-te a opinião que me pediste sobre teus versos.

Descendente em linha recta, da grande familia intellectual dos Cruz e Souza, já és, com os teus 18 annos, uma das figuras mais sympathicas da geração poetica actual.

Teu livro é uma joia rara de amor e de sonho, um açafate cheio de rosas triumphaes, de cactus e de verbenas languidas; algumas flori-

nhas sylvestres e desmaiadas que, por ventura, deixaste ficar, aqui e alli, não conseguiram desmanchar a harmonia fidalga do conjuncto d'essas flôres pomposas e finas reunidas n'este livrinho; pelo contrario, deram-lhes um tom de vida mais pittoresco e garrido.

Não te admires, meu caro poeta, se, amanhã ou depois, surgir um *critico*, d'esses que por ali pululam fazendo epocha em jornalecos de provincia, accusando-te de *falta de unidade* no livro.

E quantos poderão, hoje, jogar com essa poderosa força de concentração dentro de uma obra? A quem quizer encontrar sentimentos extranhos, desencontrados, extraordinarios, bastará recorrer ás obras de Baudelaire, Huysmans, Verlaine. Achar-lhes-ha, dentro, singulares misturas: a cinza fria do mais exagerado pessimismo philosophico unida á crença do amanhã da vida, a sensibilidade desenfreada correndo parellhas com a religiosidade a mais hysterica e sentimental.

Teu livro é um tanto desigual, mas é bom, e, mais do que isto, é honrado. E' honrado, isto é, não precisaste descer a semvergonhice do

plagio, muito em moda hoje, para escrever os formosos versos das *Harpas de Fogo*, e isto constitue, a meu ver, a maior victoria da tua estreia.

Para dar-te uma ideia da impressão que em meu espirito causou o teu livro—basta dizer que já lhe decorei, sem querer, grande parte das poesias.

Tens defeitos, e quem os não tem, principalmente em tua idade?

Publica os teus versos, não te preocupes com os applausos, nem com as censuras, que, por ventura, recebas; estuda, lê, inspira-te, aperfeiçoa-te, encerra-te, como o grande Heredia, na tua torre ideal de marfim, durante muito e muito tempo, para escrever muito poucas e muito poucas poesias—e conseguirás rutilar no céu da litteratura maranhense como um astro de primeira grandeza.

Tens talento para isso e basta!

Abraça-te com entusiasmo o confrade e admirador

I. XAVIER DE CARVALHO

(Da Renascença Literaria).

ERRATA

Na pagina 5, soneto *Olha-me*, no quarto verso do primeiro quarteto, leia-se: *Transfigurada em cantos e gemidos*; na pagina 8 soneto, *Eden Perdido*, no terceiro verso do primeiro quarteto, leia-se: *No caminho onde eu lero a cruz dos pesadellos*; na pagina 28, soneto *A viúva*, no segundo verso do ultimo terceto, leia-se: *E Holo-phernes já ebrio em sonhos adormece*; na pagina 38, poesia *Pyrilampos*, onde se lê: *Prende almas de sonhadores*, leia-se: *Prendem almas sonhadoras*; na poesia *O Poeta divino*, pagina 47, leia-se: *Que os sec'los ao passar rorazes não carcomem*; no soneto *Orchestra* pagina 58, no primeiro verso do ultimo terceto, leia-se: *Ai! Orchestra feral de threnos roucos*; no soneto *O Sonho do Eterno*, pagina 74, terceiro verso do primeiro quarteto, leia-se: *Um planeta infinito, onde ha anjos, cantando*.

Na Arena

Sou cavalleiro e menestrel: chorosas
Notas desfiro no arrabil das dôres;
Brando a lança de lendas luminosas,
E a guitarra immortal dos trovadores.

Buscando justas e buscando amores,
Vêem-me em sonho todas as formosas,
Com um' harpa de petalas de flores,
Com uma espada de jasmims e rosas.

Seguirei combatendo destemido,
E quando um dia em chagas escarlates
Entre agonias eu tombar vencido,

Oh ! bândo loiro em sonhos absorto !
Ponde este gladio toseco dos combates
Na tumba azul do cavalleiro morto.

A minha mãe

Longe de ti—a minha vida, em prantos
Se immerge, e eu gemo como um passarinho,
Tantos dias passados, tantos, tantos,
Sem me banhar na luz do teu carinho !

Longe, no lar—abandonado ninho—
Chamas por mim nos teus gorgeios santos!
Só eu posso mudar em flôr o espinho
E as tuas maguas transformar em cântos.

D'antes, na infancia, quando me affligia,
Mãe ! tu cantavas e a creança outr'ora
Se quietava, se o teu canto ouvia...

Pois bem ! não chores mais ! enxuga o pranto !
Tu cantavas p'ra mim, também agora
Para não ver-te soluçar, em canto !

De não te ver o seu

Por Ella

Que d'esta vida o ingreme barranco
Seja para ella uma florida estrada
Cheia d'um arrulhar de pombo branco
E d'um divino albor de madrugada.

Que nunca a pomba apenas implumada
Vôe da dôr ao perigoso flanco,
E que vá pela vida immaculada
Meiga voando, n'um suave arranco.

Se a dôr que as crenças dentro d'alma gela
Ha de habitar-lhe o coração, n'um bando,
Eu me offereço ~~pra~~ *a padecer* soffrer por ella.

E o peito em chagas ao martyrio abrindo
Irei pela existencia soluçando,
—Mas veja sempre minha irmã sorrindo.

PERIGO

Como hoje tú vens tão decotada !
Sentem as flôres um deslumbramento !
Ha beijos pela aragem perfumada,
Suspiram santos pelo firmamento !

Cae aos teus pés minh'alma fascinada,
Causas a tudo um magico tormento,
Segue-te o passo oh ! languida adorada !
No teu perfume arrebatado, o vento.

O ceu suspira de desejos cheio...
Erram aves em torno, sem abrigo,
Como querendo contemplar-te o seio.

Vê ! de mil flores todo o chão se junca !
Que perigo, formosa ! que perigo !
Não vistas mais esse vestido, nunca !

Olha-me

Teus olhos—são dois astros que dispersos
D'outros, vieram para ti fugidos;

A sua luz fulgura nos meus versos,

~~Transformados~~ em cantos e gemidos.

Transfigurada

Como um clarão de aéreos universos,

Rutilam n'elles prantos escondidos;

Vendo-os minhi'alma vae por ceus diversos

Com uma pomba chorando-lhe aos ouvidos.

Meu coração—um mundo—se illumina!

Ha gorgeios de luz pelos espaços...

Olha-me sempre! Olha-me mais, divina!

Quê Que pra pagar taes olhos bemfasejos,

Eu beijo a dona e'um tufão de abraços,

E abraço a dona e'um tufão de beijos!

Flor morta

Morreu Lenira—a pallida morena
Tudo soluça... O seu jardim florido,
Que ella regava de manhã, serena
Tambem parece e' o ella ter morrido.

com ela de parece
Soltam chorando um tremulo gemido,
O lirio, a rosa, a languida açucena,
Por essa que morreu sem ter vivido
A vida de uma flôr fraca e pequena.

Toda a manhã no jardimzinho, entro—
Nem um raio sequer, um só lampejo,
D'essa florinha que nasceu lá dentro...

E a chorar vendo o orvalho scintillando,
Sobre as rosas parece-me que vejo
Todas as flôres do jardim chorando.

Confissão

Nunca pensei que assim me apaixonasse !
Escuta ! Não vás rir das maguas minhas !
Madona do signal preto na face,
Do grave olhar altivo das rainhas.

Era de tarde. O sol tombava, vinhas
De extranha veste, d'um fulgor fugace,
Brilhando, rubra no teu rosto, tinhas,
A côr das rosas, quando a aurora nasce.

Levavas rouxinoes dentro da falla...
Pelo jardim a passeiar, Thereza
Contemplaste uma flôr, e p'ra apanhal-a

virgins
Tú te abaixaste em pudicos receios
E oh ceus ! pelo decote eu vi... (surpresa !)
Vi... dois rubis pregados nos teus seios.

Eden perdido

Ah ! que louco que fui ! Tenho dôres e zelos
Esse sarcasmo mata ! esse desdem mutila !
No caminho onde eu levei a cruz do³ pesadellos
Não mais me guiará o sol d'essa pupila.

Não mais me cobrirei na dôr que me aniquila
Co'o doirado lençol basto dos teus cabellos
Irei triste a cumprir a pena que me exila
E os martyrios fataes... Não poderei soffrel-os.

As caricias em flôr... Quero embalde esquecel-as !
Lucifer —a pisar flôres n'um paraíso
Quiz subir para o ceu e pisar sobre estrellas...

E calhi... e eis-me aqui cheio de mais desejos,
Dá-me santa, outra vez a luz do teu sorriso
Semea-me outra vez as lavas de teus beijos.

Lá

Quando a morte vier em sinistros lampejos,
Cortar d'um golpe só d'esta existencia os laços,
Eu levarei na face os teus ultimos beijos,
E a benta extrema unção dos ultimos abraços!

E as azas surgirão... Em rapidos adejos,
Vendo perto passar deuses pelos espaços,
Iremos pelo azul como um rumor de harpejos,
E ao nosso olhar os sóes hão de tornar-se baços.

Astros hão de chorar no espaço commovidos,
Ao ver triste passar em languidos voejos
A tu'alma em botão coberta de gemidos...

E os anjos fugirão ao sentir os meus passos,
E ao ver-me a fulgurar coberto de mil beijos
Ir entrando no ceu c'uma mulher nos braços!

II

Eu um ninho farei sobre as nuvens chorosas,
Oasis—que illumine esse ethereal deserto;
E me riréi do pó, de jaulas tenebrosas
A correr pelo azul como um leão liberto.

O chão pode tremer e abrir fauces gulosas
O mar, que eu te terei, anjo da guarda, perto,
Estrellas sobre nós desfolharão mil rosas,
E Deus nos mostrará o firmamento aberto.

Vendo as noites passar, vendo passar os dias,
Veremos cá em baixo o leito dos abrolhos
Deitados então lá n'um leito de harmonias,

E alegres a escutar os bandolins dos mundos,
Iremos derramando a luz dos nossos olhos
Pelos olhos sem luz dos astros moribundos.

III

Arrancarei do ceu vias-lacteas accesas,
Para te coroar como para os noivados,
E andaremos guiando estrelladas Venesas,
Sobre os mares de luz dos astros povoados.

Tornarei em bateis as estrellas surpresas,
Navegando a sonhar por mundos asulados,
Como as fadas gentis, como as loiras princesas
N'um lago de crystal, nos reinos encantados.

E sempre a te adorar, alma de passarinho !
Oh ! ser da côr da luz ! carne da côr do lyrio
Farei em cada sol e em cada estrella—um ninho !

E os soes se quebrarão cheios de mil assombros !
E Deus hade chorar ao ver-me n'um delirio
A fugir pelo azul levando o ceu nos hombros !

Noites de viuva

Medita a viscondessa tristemente,
E o olhar concentra em lagrimas saudoso;
Adeja pela alcova suavemente
Um aroma subtil, voluptuoso.

Arfa-lhe o seio, a carne em flôr, ardente
Freme em anceios sensuaes de goso,
Ruge-lhe o sangue impetuoso e quente
Forte, febril, indomito, ancioso.

Leva-lhe a magua o espirito absorto...
Viuva—a carne lubrica e travessa
Lembra-lhe os beijos do consorte morto.

E o pranto rola dos seus cilios d'oiro,
Dorme...e sonhando a bella viscondessa
Vê-se casada com um visconde loiro.

VOLUPIA

E' um delirio, Deus, quando ella passa !
Se pisa a terra todo o chão palpita !
Pasma de tanta formosura e graça
Tudo murmura: que mulher bonita !

E segue... O ramo tremulo se agita
Cae uma rosa, um passaro esvoaça,
E a luz a beija e em fremitos crepita,
E o vento doudo n'um delirio a abraça.

E vae entre surpresas e entre assombros...
Véem n'um doce e candido gorgoeio
Os passarinhos lhe pousar nos hombros:

E rindo, corre n'uma fuga louca
Com um rouxinol a lhe beijar o seio,
E um colibri a lhe beijar a bocca !

HYSTERICA

I

Tem febre. Por seu corpo entorna-se uma chamma
Que se alastra e se estende e a queima e a lambe e a morde
Extremece-lhe o seio, a carne se lhe inflamma
E treine, qual n'um ninho um passaro que acorde.

Quer dormir, e debalde! O somno foge e entorna
Dentro de si um mal, que cresce, e se dilata...
E ella fica a fitar a claridade miorna,
Que derrama n'alcova a lampada de prata.

Se inocula em seu sangue, e vai de veia em veia,
Um fogo se estendendo, uma chamma a abrasando,
E essa chamma mais cresce, e o fogo mais se ateia,
Como um igneo oceano em sua carne entrando.

E medita, e suspira... O cabello sem laços
Se estende sobre o alvor do perfumado leito...
Ah! se viesse alguem para tomar nos braços
E apertar e apertar muito de encontro ao peito!

Alguem que lhe magoe a carne ardente e louca
E os seus beijos de amor beba n'um bruto aneio
E lascivo e sensual beije-a dos pés a bocca,
Os braços, o pescoço, a face, a fronte, o seio.

E olhando a alcova azul—triste como um retiro—
Cae exhausta a chorar, por sobre o travesseiro
E adormece a gemer n'um ultimo suspiro,
Pomba meiga a arrulhar chamando o companheiro.

II

Eis o amante afinal! Eil-o sempre ao seu lado!
E aperta-o mais e mais de encontro a carne nua...
Que volupia ao beijar-lhe o bigode aloirado,
E em ter aquella mão presa dentro da sua!

E murmura a sorrir dentro dos seus abraços:
Eu guardei para ti os meus beijos em flôr!
Tu jamais sahirás do mundo de meus braços,
Como eu não sahirei do céu do teu amor!

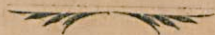
E treme... Sente um labio humedecer-lhe o labio,
E uns braços enlaçando-a assim como as serpentes;
E ao beber esse vinho e ao sentir-lhe o resabio,
Mostra rindo os punhaes pequenos de seus dentes.

E em fremitos de febre, a carne incendiada
Arfante o seio nu, eburneo, e voluptuoso
Após cae, após tomba exhausta e allucinada
A agonisar de amor, a estremecer de goso.

E sorri satisfeita... O labio entreaberto...
E uma pomba de luz arrulhando no olhar,
Formosa e tentadora, o seio descoberto
Pequenino e gentil como a querer voar.

E emmudece lembrando, o breve goso morto,
Os espaços azues por onde andou voando;
E fica distrahida, o espirito absorto,
A bocca sorridente, o peito suspirando.

E sentindo uma bocca a procurar a sua
Todo o corpo ao prazer entrega prisioneiro,
E delirante gosa... acorda... e vê-se nua
Apertando no peito um fôfo travesseiro.



A morte de Orphir

Ah ! quando ella não mais sorriu, tristonhos
Gemeram colibris por muitos dias;
Houve soluços nos pombaes risinhos,
E nos jardins, diversas agonias:

As pombas, nunca mais tiveram sonhos,
A rosa, nunca mais teve alegrias;
Riram somente, os cyprestaes medonhos,
Riram somente, as catacumbas frias.

No dia em que morreu (lendas piedosas),
Tambem morreram setecentos lyrios
Mil beija-flores e quinhentas rosas...

E o seu caixão de pennis e de arminhos,
Para a tumba, sem rosas e sem cyrios
Foi levado por quatro passarinhos.

Oceano Branco

O teu corpo é um mar! N'elle, o estrellado hiato
De meu beijo navega e aureo e galhardo apita...
Branco mar—em que o sangue em mil ondas tiritia
Deixando uns rubros tons de rosa e de escarlata.

A volupia—a bramir n'uma borrasca, afflicta,
N'elle, trava, feroz, um rutilo combate,
E procellosa, brame, estruge, ulula e late,
E a carne em fogo torce, e a carne em chamma agita.

Branco mar! alvo mar cheio de mil delirios!
Em ti arrebatada a minh'alma naufraga
N'um abysmo de luz cheio de bons martyrios.

Ruja embora faminta a vaga de teu beijo
Que galharda e serena irá cortando a vaga
A grande nau de guerra azul de meu desejo.

NO BANHO

Vai banhar-se. No banheiro
Ao vel-a tudo delira...
Parece que o ar extremece,
E que todo o chão suspira;

O banheiro se embebeda
Ao sentir o seu perfume;
E as rosas rubras do jarro
Parecem sentir ciúme.

Tudo em redor se embevece
E anseando se allucina,
Sabendo assistir em breve
Aquella scena divina.

E ella innocente e casta
A bata desabotoa
E um perfume embriagante,
De todo o seu corpo vòa.

E surgem brancos e rijos
Pequeninos e gentis,
Dois meigos pombos ariscos
Com biquinhos de rubis.

E arranca a bata... Oh surpresa !
E' um delirio sem fim !
Em redor tudo entre pejos
Se torna còr de carmin.

O sol entra com mil raios,
Do banheiro pelas frestas
E lhe beija a bocca e o seio
Enchendo-a toda de festas.

A brisa douda e amorosa
Vendo o sol cheio de zelos,
Rouba de leve um perfume
Das azas de seus cabellos.

O ladrilho escandaloso
Entre volupias crueis

Sentindo-a pisal-o, louco
Se põe beijando-lhe os pés.

E ella fica perturbada
Por entre um nimbo de pejos
Temendo que o sol e o vento
A possam matar de beijos.

Apressada abre a torneira
E a agua desce apressada
Em cobrir de mil affagos
Aquella carne rosada.

E n'uma lâscivia louca
Mas cheia de mil receios
Lhe beija o rubi da bocca
E os dois coraes de seus seios.

.....

E o espelho brilhando, perto
Em sonhos extravagantes
Reflete uma mulher nua
Sob chuvas de brilhantes.



FEBRE

Te ter, te ter nos braços só um' hora
 Não me basta! Não mato este desejo!
 Embora võe um dia inteiro, embora
 Nas duas azas brancas de teu beijo.

Essa carne que um sangue novo enflora
 E' a esphera ideal por onde adejo
 Vê: o meu labio por teu labio chora
 —Rubro paiz que entre venturías vejo

Ebrio de beijos, como um novo Nero
 Quero te ver oh ! Roma do peccado
 Ardendo dentro de meus braços ! Quero

Subir do goso os luminosos flancos...
 E após cahir de goso espedaçado
 Sobre os teus seios—dois abysmos brancos.

CHILROS

De trovas e canções se enche o nossô caminho,
Uma harmonia extranha em cada folha adeja:
Ha dentro em nesso amor cantando um passarinho
E o olhar da primavera em tudo relampeja.

Escuto pelo azul como o chilrar de um ninho,
E o meigo suspirar de um casal que se beija,
Mas sobre tudo fulge o sol do teu carinho
Como uma santa d'oiro em derrocada egreja.

Vê tudo canta e ri ! O espaço immenso e mudo
Vibra ao ruflo d'um'aza, e um labio de demónio
Risonho e tentador se nos depara em tudo !

Que campinas gentis ! Paramos para vel-as !...
E dentro o nossô amor como um loiro camponio
Vai derramando luz, vai semeando estrellas !

LEND A

Ninguém vai ao castello abandonado...
N'elle don'Alva irmã dos brancos lyrios
Chorando a morte do seu noivo amado,
Foi-se finando em multiplos martyrios,

Dizem, que a noite no salão doirado,
Ouve-se a voz da louca entre delirios:
Todo o castello brilha illuminado
Dos raios baços de sinistros cyrios.

E, das harpas aos languidos harpejos,
Passam funereos ao luar, os vultos
De dois amantes em sonoros beijos...

E após, as luzes somem-se apagadas,
E então, deslisam pela noite, occultos
Dois esqueletos a jogar espadas.

No primeiro beijo

No beijo, no primeiro, oh ! quanto goso !
Goso—que deixa rastros de saudades,
E sobre a carne—mar tempestuoso
Sonoramente espalha tempestades.

A gente vai n'um bergautim formoso
Em mil volupias e sensualidades
Singrando um ceu doirado e luminoso,
Singrando um ceu de flavas claridades.

O coração bate com força; acceso
O olhar fulgura lubrico, vibrando
N'um grande e doce arroubamento preso...

Ha pela carne um florescer de brasas
E as almas sem sentir cantam, voando
Arrebatadas por milhares d'azas.

A UMA MULHER

Te vejo e fico enlevado...
A carne se me extremece,
Fitando o esplendor divino
D'essa carne que amanhece;
D'essa carne virgem inda
—Branco tigre enfurecido—
Que ruge indomito e salta
Na jaula do teu vestido.

Se passas—com que volupia
Te fito—com que lascivia
Não beijaria em mil gosos
Essa mão pequena e nivea
Ah ! formosa ! ah ! tentadora
Quisera em longos abraços,
Subir os Andes do goso
Nas escadas de teus braços !

Se fôras minha !... Se fôras !...
A volupia me treslouca !...
Ah ! se penetrar pudesse
N'esses ceus que tens na bocca !
E de goso embriagado
Ir apoz n'um doce arranco,
Beijar-te as nodoas de sangue
Dos bicos do seio branco !

E louco e mudo amordaço
A carne que em fogo estua,
N'um lascivo arroubamento
Te ponho aos meus olhos nua.
E minh'alma delirando
Sae d'um vulcão de desejos,
Sonhando morrer queimada
Na lava azul de teus beijos.

Quisera que esses teus seios
Mignons planetas rosados
Dos poetas de meus beijos
Fossem p'ra sempre habitados:
Quisera provar-te o nectar,
Vinha do goso, animada !
Oh ! fructo, nunca mordido !
Oh ! carne nunca beijada !

A VIUVA

Noite. Pelo arraial a grande festa explende...
Vão despertar o azul rudes canções n'um côro,
Por todo o claro ceu da Palestina estende
Um dormente luar, o longo pallio d'ouro.

Corre a brisa a gemer n'um doloroso choro,
Pelos campos em flôr mais o luar se accende
A brilhar, a fulgir, pallidamente louro,
—Grande flôr que no espaço as petalas desprende.

Ao longe, a soluçar corre o Jordão sagrado
E sereno, ao luar que rola, resplandece,
O Mar-morto a dormir como petrificado.

Erra triste na sombra o espectro de David

.....
E Holophernes já ebrio em sonho *adormece*
Aos beijos sensuaes dos labios de Judith.

II

Vem no levante o sol... Jerusalem desperta...
Vasta toda a vibrar como uma grande lyra,
No templo onde medrosa a turba se acoberta,
Flammeja do holocausto a incendiada pyra.

Subito há um rumor pela cidade alerta:
Vibram sons de clarins. A multidão delira...
Psalms vão resoar pela amplidão deserta...

.....
O fero e sitiador exercito fugira...

.....
Por entre a multidão que acclama e se allucina
Olhos azues, no ceu, n'um beijo de alliança
Segue, triste Judith—a gloriosa assassina...

E enquanto, flavo, o sol o firmamento doira
Sobre os muros de pedra, erguida n'uma lança
Banhada em sangue, fulge, uma cabeça loira.

Nevrose

(Aos seios morenos de Camerea)

Seios, por quem o meu desejo chora
N'este martyrio que me supplicia!
Seios morenos que o meu beijo implora
Nas ancias sensuaes d'esta agonia!

Quando surgis, como surgis agora,
D'entre esse ninho, que a vós pombos cria
Os meus beijos, em musica sonora,
Soltam, vibrante e extranha melodia.

N'arvore—a carne—rubidos, nascidos,
Sois o meu goso e o meu supplicio eterno,
Oh! tentadores fructos prohibidos!

O meu desejo ao ver-vos não se acalma ..
Sinto na carne crepitando o inferno
E um paraíso espedaçado n'alma.

Ao priminho Carlos

E's tolo Carlos ! E's tolo !
Quão cedo da escola vens ? !
Ah ! se em pequeno tivesse
Uma mestra como tens !...
Te juro ! Não estudava
Somente para ficar
Preso n'aula, ajoelhado
Bem perto do seu olhar.

A tua mestra—meu caro
Para mestra é demais bella,
A gente a lição esquece
E' bastante olhar p'ra ella !
Que eden, que paraíso,
Seria a escola p'ra mim,
Se quando, quando, em creança,
Tivesse uma mestra assim !

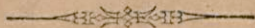
Que discip'lo não acceita
Um bôlo por sua mão !
Um bolo, que vá ardente
Inflammar o coração.
D'ella a rir accitaria
Os castigos mais crueis,
Passava um anno, te juro,
De joelhos aos seus pés.

Não pode estudar ! não pode !
Quem tem mestra assim sympathica !
Me dize: o que tu preferes
Olhal-a, ou ler a grammatica ?
Maganão ! tu não me enganas !
Teu olhar nada me esconde,
Vejo teus olhos dizer-me
Que isto nem se responde.

Se vaes estudar, a mestra
Logo no livro apparece,
Suave, como um suspiro,
E meiga como uma prece.
E absorto, o olhar brilhante,
Do livro, as folhas a abrir,
Surge logo, em cada folha
A imagem d'ella a sorrir.

Estudar... não ! não estuda !
Não te importa das lições !
Ficar preso junto d'ella
E' a mais doce das prisões !
Como és feliz ! tu que podes
De bem perto contemplar,
As pombas do seu sorriso
E os anjos do seu olhar !

Quando a vejo—ha tanta graça
Pairando em torno de si,
Que n'esses momentos breves
Eu tenho inveja de ti;
Mas, o que mais me acabrunha,
O que mais me desconsola,
E' não ser eu mais, creança
P'ra tambem ir a escola !



Amor Eterno

Este amor, este amor, meiga Dolores,
Doce, celeste, illuminado e forte
O mais puro, o mais santo dos amores,
Ha de por certo supplantar a morte;

E espedaçando a clamyde das dores,
De nos levar n'um languido transporte,
Ao ceu—jardim de luminosas flores,
Para fruirmos, uma nova sorte.

Que nos importa a vida passageira
Que nos algema a hispida poeira! ?
Deixa que a morte n'um só sopro mate-a !

E então, o ceu dos anjos habitando
Iremos pelo espaço vagueiando
Ambos deitados sobre a Via-lactea.

D. AUREA

Quer um conselho? Os seus passeios cesse!
Ninguém se livra da tração infida!
Mal vem rompendo o sol, mal amanhece
Vai ao jardim, cantando, distrahida.

E a minh'alma de medo empallidece
Vendo nas rosas gestos de homicida,
Don'Aurea! O bando de inimigos cresce!...
As flores podem-lhe tirar a vida!

Dizem todos, que quando canta ou falla,
Na sua voz há tão doces odores
Que vence o aroma que o rosal exala...

Ouçã pois! ^{pr'a} applicar essas procellas,
Não fale mais quando estiver com flores
Nem cante mais quando passar por ellas.

VEM...

A vida para mim és tú, e o teu affago,
—Luminosa piscina onde enfermo me banho—
Tú és, o campo azul, onde eu pastor divago,
Dos meus sonhos, guiando o alvacento rebanho.

N'essa carne a raiar brilha um vergel extranho,
Ha um vinho do ceu que eu bebo e me embriago,
Irei tomar em ti um estrellado banho
Oh ! luminosa fonte ! oh ! rutilante lago !

Vem a mim enquanto eu tenho volções no sangue !
E quando um dia atroz, na velhice vencida
Já sem ancias lombar desfallecido e exangue:

De orgulho hei de sorrir, ao ver já sem desejos,
Toda essa carne em flor, que eu tanto amei, comida
Pelo branco leão faminto de meus beijos.

PYRILAMPOS

I

Nas tuas crengas albrantes,
Nos teus sonhos azues,
Ha rolas côr de luars,
Suspiram pombas de luz.

Dentro do teu peito virgem
D'onde foge a dôr de rastros
O amor desce—illuminado
N'um flauo diluuió de astros.

E a descrença—dragão negro
De mil formas exquísitas
Cae aos teus pés—impotente
Quebrando as azas maldictas.

E a tua bocca vermelha
Sorrindo de tudo zomba...
Nasce um lyrio em cada sonho
E em cada lyrio uma pomba.

II

Os teus olhos sciutillantes
—Duas grandes per'las pretas—
Prende, almas ~~de~~ sonhadoras^{as},
Em duas aureas grilhetas.

São dois niuhos pequeninos
Feitos de treva e luar,
Com um'ave luminosa
Em cada um a cantar.

São dois lagos fulgurantes,
Dois firmamentos serenos,
Dois abysmos estrellados,
E dois Vesuvios pequenos.

A tua bocca, formosa
E' uma gruta rosada
Aonde habita a caricia
—Uma princesa encantada—

E' uma taça vermelha,
Lendaria como um tropheu,
A transbordar de teus beijos
Divino licôr do ceu.

E os teus seios.—roseos fructos,
Que sempre me dão ao vel-os
Umas anciãs de beijal-os
Uns desejos de mordel-os.

São dois demonios formosos
São dois morangos rosados,
São dois pombinhos de neve
De bicos ensanguentados.

E os teus braços lactescentes
São duas serpentos niveas
Famintas, doudas, nervosas,
Replectas de mil lascivias.

São duas escadas curtas
D'um brando marmore liso,
Que entram por um inferno
E acabam n'um paraíso.

E os teus pés... Não os descrevo...
Basta dizer, sem bosquejos
Que já eu fiz para ambos
Dois sapatinhos de beijos.

A' minha irmã

Quando nós formos pelo azul, ah ! quando
Na terra, não pisar teus pés pequenos...
Tú levarás nas azas d'oiro, um bando
De rouxinoes e passaros, em threnos.

E eu, levarei os labios amargando,
Inda cheios dos rabidos venenos,
Triste—que, vai da vida soluçando,
Sem ter o lyrio de um carinho ao menos.

Eu, peccador com a alma-quasi morta
O que farei quando ^{for} ~~era~~ ti, creanca
Do céu doirado, descerrar-se a porta ?

Irei gemendo para o inferno em brazas ?
Não ! entrarei no ninho da esperança,
Escondido na luz das tuas azas !

Meus desoitos annos

Cavalleiro do amor—n'arena desce
Em busca a lança d'um olhar que o mate...
Quando galhardo e intrepido apparece,
Os inimigos fogem do combate.

Dizem, que o viram de joelho em prece
Ante uns labíos de vivido escaulate,
Que elle tão forte, treme e empallidece,
E ao fraco olhar d'uma mulher se abate:

Por sobre montes e por sobre fraguas,
Galopa sempre bravo e destemido
Vencendo dôres e matando maguas.

E indifferente, as supplicas e ao rogo,
Arrasta o sonho—triste heroe vencido,
Preso na cauda d'um corcel de fogo.

ADEUS

A' minha mãe

Esta vida sem ti—é um trilho infindo
Por onde a magua me persegue os passos !
Como aromas de flôr se entreabrindo
Guardo n'alma teus ultimos abraços...

Sem ter teus olhos sobre mim fulgindo,
Sou como a nuvem errante nos espaços...
Oh ! mãe ! meu sonho mais brilhante e lindo
Que dôr se eu não morresse nos teus braços !

Já vem a morte a derramar abrolhos !...
Mão—que os olhares dos humanos cerra
Vejo-a espalhando somnos nos meus olhos...

Quando eu for descansar no santo abrigo,
Mãe ! o teu corpo ficará na terra,
Mas a tu'alma levarei commigo !

SEGUNDA PARTE

O POËTA DIVINO

Deus é o genio do azul, a alma alcandorada
A cujos pés, a luz, vae se humilhar, de rastro...
Quando, estrellando o ceu, a musa loira, o inspira,
Elle toma nas mãos a formidavel lyra
E solta um canto—um astro.

O seculo ao passar, extatico, ajoelhado,
Beija os degraus do ceu,—o Parthenon bemdiecto,
E o homem, o—deus da terra—o verme illuminado,—
De joelhos se curva, ao ler, amesquinhado,
Esse livro de luz aberto no infinito.

E embora um cataclysmo ess'obra gigantesca,
Redusa toda a pó, destroe-a, desbarate-a,

Pr'a tornal-o immortal, basta ficar brilhando,
Essa grande canção, cheia d'almas chorando,
Semeada no ceu chamada—Via-lactea.

.....

Inda pela amplidão resoava em clamores,
Os uivos de Lusbel na encarnçada guerra,
Quando elle um dia, só, no azul da immensidade
Inspirado se ergueu, grande como a verdade,
E fez um poema—a Terra.

Conta a lenda immortal d'uma fada divina,
Que os anjos uma vez acharam—no a chorar,
E assim foi que elle fez, de convulsões sombrias,
De prantos e de dôr, de magoas e agonias,
Essa tragedia—o Mar.

Uma vez de repente illuminou-se o espaço,
Rodeiava o infinito um extranho arrebol.
A immensidade azul toda, resplandecia,
E o velho Deus surgiu, tendo na fronte o dia,
E apertando na mão, essa epopeia—o Sol.

E mil versos jorrou, grandioso e fecundo
Na pagina de luz, que n'amplidão fluctua:
As estrellas compoz—rimances doloridos,
E arrancando do peito, um milhão de gemidos
Fez a ballada—a Lua.

E compoz mil canções—a brisa, o aroma, o ninho,
O suspiro, o sorriso, o passarinho, a flôr,
Mas onde, o grande Deus brada, ruge, ribomba,
Ora torna-se tigre, ora torna-se pomba,
E' na poesia—o Amor.

Escreveu a saudade—um'aria soluçante,
Escreveu a agonia—um tragico poemeto—
O goso—um dityrambo—a dôr—uma elegia,
E a lagrima—um soneto.

E por fim contemplando ess'obra fabulosa
Que os sec'los ao passar vorazes não carcomem
Coroados de sóes, eterno, refulgindo,
N'um santo e alegre humor, elle escreveu sorrindo,
Uma satyra—o Homem.



Face a face

Descrença ! oh ! serpe venenosa ! oh ! fêra
Que tens as almas presas nos teus dentes !
Mão assassina que espedaça e ulcêra,
Algoz dos brancos sonhos innocentes !

Nas tuas garras curvas de panthera
Vivem gemendo as crenças dos doentes;
—Bico adunco e fatal que dilacera
E rasga e fere os corações dos crentes—

Minh'alma altiva que a sorrir te escuta
Firme, serena, impavida, triumphante,
Suspira e anccia prompta para a luta !...

Eis-me na liça: enfronta-me colosso !
Que no combate, te acharás deante,
Do esp'rito forte e sonhador d'um moço !

O Sonho

Tu és o anjo bom, sonho meigo e piedoso,
D'esta vida—onde a magoa, impera, soberana:
Rutila aè teu olhar, o palacio faustoso,
Resplandece aos teus pés a misera choupana.

Sempre de lar em lar, sempre de pouso em pouso,
Sem descanso, a fulgir dentro da treva humana,
Mostras, brilhando ao longe os oasis do goso,
—Beduíno da fé de errante caravana.—

Anjo meigo a sorrir sobre este pô de brasas !
Vai sonhando o mortal do berço a sepultura,
Levado sem sentir nas tuas grandes azas !

Pode a vida se encher de trevas e de abrolhos,
Que tu guiando o passo, a humana creatura
Sempre terás um ceu para vender-lhe os olhos !

9

Visão eterna

A humanidade

Este mundo—é a prisão, o carcer negro, a treva,
Que te cega e te prende e te acabrunha e atterra!
Um destino feroz te arrebatava e te leva
A correr pelo mar a vagar pela terra.

Em vão buscas quebrar a jaula que te encerra,
N'esse universo estreito onde a morte se ceava,
Nos supplicios da dôr, nas voragens da guerra
Pagarás um por um todos os crimes de Eva...

Ora gargalha e ri, ora soluça e clama,
A soffrer e a chorar perennemente afflicta...
Tudo é debalde! E's lama e has de tornar-te em lama!

Folgues embora a rir no goso e no delirio,
Sempre ante ti verás, essa visão maldicta,
Um esquite, uma cruz, uma mortalha, e um cyrio!

IMPRECAÇÃO

A vida?! Eis o castigo, o carcere, a masmorra,
Onde aneeia o mortal na desventura extrema...
A terra?! Mais semelha uma vasta Gomorrha,
Onde o bebedo vicio a vagueiar blasphema.

Quero a luz! quero-o azul! onde minh'alma corra,
Arremessando ao nada esta maldicta algema,
Onde viva a illusão, nunca a esperança morra,
E o phantasma da dôr não soluce e não gema!

Mas, ah! Porque não tenho azas em vez de braços?!
Pela terra pequena em delirios errando
Heide sempre encontrar o signal de meus passos!...

A ave a mais pequena erra no ceu dos astros
Enquanto eu o perfeito, eu o Homem, chorando,
Heide viver na lama e heide morrer de rastros!...

CARNE

Carne em flor ! carne em flor ! rosa das impuresas !
Rainha universal, despotica e sombria !
Usurpaste o poder das candidas princezas
Castidades do ceu de vestes côr do dia !

No teu carro triumphal em rabida ironia
Arrastas pelo goso as almas sem puresas;
Fera branca—a rugir nos grábatos da orgia,
Mostras a terra torpe as perolinas presas.

Sobre os hombros servis, dos homens do Universo,
Surges nua a cantar, resplandesciente e nivea
No teu throno real, despotico e perverso.

E entre rubros tropheus, entras no ceu sagrado,
Cingindo, a fronte impura, a c'rôa da lascivia,
E empunhando na dextra o sceptro do peccado !

Paraiso e Inferno

Ha nos edens de amor, floras eternisadas,
Harmonias de luz, de verdes primaveras,
Alli vão suspirar almas enluaradas
Sob a arvore ideal dos sonhos e chimeras.

Vozes de cherubins, jorram, pelas espheras,
Melodias azues, de estranhas alvoradas,
Como um manso rebanho andam brincando as feras,
E a chilrar pelo espaço, andorinhas doiradas.

Mas a noite ao luar, n'uma canção sonora,
Pelo eden se escuta uns gemidos dolentes,
Uns soluços sem fim, de alguém chorando fora...

E que vai a fugir, gemendo em desafoço,
Ao fitar, entre as mãos de anjos resplandecentes,
O sinistro fulgir das espadas de fogo.

Descrença

Irmã da morte, imiga da esperança,
Vai pela vida, a derramar negroses;
Levando, as teses da desesperança,
Aos labios sem canções dos peccadores.

Errante sempre—pelo mundo, avança,
Trocando os gosos em perennes dores,
Luctas e magoas e tristezas, lança,
Nas almas lyriaes dos sonhadores.

Na bastilha da dôr, immensa e franca,
Ella encarcera n'um funereo bando,
Todos aquelles corações que arranca;

Como um gladio brandindo desconfortos
Vai o planeta do viver povoando
De crenças loucas e de sonhos mortos.

SEMPER

Fugas da terra e vás pelos espaços
Buscar azylo... O encontrarás em tudo !
Sinistro e eterno, ha de seguir-te os passos.
Esse phantasma, horripilante e mudo.

Tremerás, a fitar-lhe os olhos baços,
N'um frio intenso de pavor, agudo,
Mil vezes dormirás sobre seus braços,
E despertando has de encontral-o em tudo.

Na luz do olhar, nas cans de teu cabelo,
O sentirás feral se aproximando
Alma cobarde ! has de tremendo, vel-o !

E apos da vida, ao derradeiro cumulo,
Fracca, com elle, rolarás, chorando,
Na bocca aberta e ironica do tumulo.

Fracos

Mudos e tristes, tremulos, perdidos,
Vão pela vida—os hispidos desertos,
Tendo de pranto os olhos, doloridos
Ante a visão dos tumulos abertos.

De pó de apodo e maldição, cobertos
Sob a noite lendaria dos vencidos,
Chorando vão, pelas soldões, incertos,
Desdobrando o pendão dos seus gemidos.

Almas fracas fugidas do combate—
Vendo as estatuas dos herões, fulgindo,
Como de inveja o coração lhes bate.

Ashaveros da vida—sem alardes,
Seguem, tristonhos, pela terra, ouvindo,
A voz dos homens murmurar: cobardes!

A um assassino

Alma de pedra ! tens nos teus olhares,
O fero olhar do lobo sanguinario !
Fechar-se ao ver-te com pavor os lares,
Fogem te ouvindo o nome legendario.

Matas, n'um riso ironico e nefario
N'essa feresa fria dos jaguares,
Erras, tremendo, louco e solitario,
Perseguido de espectros tumulares.

Abres ao crime, desvairado, os braços...
Por onde vaes impavido e execravel
Tintos de sangue deixas os teus passos !

Tu'alma, o vicio secular, denigre,
E matas, matas... deixas miseravel
De ser um homem para ser um tigre.

10

Orchestra

Orchestra universal desafinada
Symbolizando gosos e tormentos !
Em ti soluçam tragicos lamentos
Em ti sinistra brame a gargalhada !

Teus sons me ferem como aguda espada
Ou pontas rubras de punhaes sangrentos,
Bramir te escuto, no vibrar dos ventos,
Pelas teclas da esphera constellada.

Ouçõ-te os gritos, ouçõ-te os rugidos!
Em caravana, rispídos, ferozes,
Passam gemendo pelos meus ouvidos.

Ai ! orchestra feral d' threnos r^unicos !
Tu mais pareces as confusas vozes
D'uma infinita multidão de loucos !

Na partida

Vaes. D'um velludo esmeraldino esmalta,
Teu sonho, as duras fragoas dos caminhos...
Sobre cardos—na febre, que te exalta,
Juigas pisar as plumas dos arminhos.

Tu'alma canta; o coração mais salta,
Louco, ao beber d'esses estranhos vinhos,
Vendo, da torre de teus sonhos, alta
A terra, cheia de pombaes e ninhos.

E o peito aneeia, o coração aneeia...
Tu'alma sobre um lago de fulgores,
Canta e deslisa de luars, cheia.

E vaes, pulando escarpas e declivios;
Voando para a terra dos amores,
Nas azas d'ouro de teus sonhos niveos.

NA VOLTA

Voltaste já?! Como mudaste tanto!
Treme-te o corpo, treme incerto o passo,
No olhar—a lua de crystal, do pranto,
Chora um clarão amortecido e baço.

Tremendo vens, parando á cada canto,
N'um doloroso e intermino cansaço,
A fronte d'uma pallidez de santo,
Toda ferida por espinhos d'aço.

Lá na terra do sonho—a Palestina—
Foste, buscar confortos, peregrina,
Cantando e rindo pelos trilhos francos...

Voltaste—Trazes n'alma a noite espessa
Um cajado na mão e na cabeça
Uma corôa de cabellos brancos.

Cidade negra

Lá no reino, sinistro, das tristesas,
No reino—onde jamais teve luars,
As nostalgias—pallidas princesas—
Vivem reinando em lugubres solars.

Sob noites de lagrimas accesas,
Sem ter amores e sem ter sonhars,
Pelas ruas de fraguas e asperesas,
Erram seres vestidos de pesars.

D'um marmor negro, relusente, hirsuto,
Funereos, se erguem, vastos edificios
Todos cobertos de perenne lucto.

Ao vir da noite, um bando de esqueletos,
De tristes, vai cantando os seus supplicios,
Ghorar as portas dos palacios pretos,

A uma meretriz

Cobrem-te a alma, as noites do peccado,
A lascivia te prende e martyrisa,
N'uma espinhosa cruz, crucificado
O amor, dentro em teus sonhos agonisa.

A serpente do mal—monstro doirado,
Pelo teu seio impudico deslisa:
Tua honra—cadaver mutilado,
A sociedade n'um sorriso pisa.

Por teu passado canta o vicio, em furia
Vaes pela vida—n'um febril arranco,
Sobre o dragão de chammas da luxuria...

Te amedronta a velhice—o pesadello...
Delira dentro do teu corpo branco
Um'alma preta como o teu cabelo.

O PECCADO

Mensageiro do inferno—em negra faina
As doutrinas fataes do crime, prega;
E o ingreme sendal da vida, aplaina
Mostrando o goso a humanidade cega.

Christo do mal—a tempestade, amaina
Sobre o oceano humano em que navega;
Loucos, seguem beijando-lhe a sotaina,
E a cruz de prata estranha que carrega.

Rei—a vil turba allucinada o elege
Mas outros vendo-o, hypocrita, descalço,
Cobrem de pedras esse louco hereje...

Fero sarcasmo de ironias mudas—
Para vender esse Messias falso,
Não apparece sobre a terra um Judas!

Expulsos do ceu

Aos nunca amados

Bando do olhar piedoso e gemebundo,
D'onde a desgraça em lagrimas, se evola !
Um eterno carrasco, furibundo,
Vossos sonhos, em canticos, immola !

A soluçar atravessais o mundo,
E o pranto sempre em vossas faces rola !
Oh ! mendicante bando moribundo
Nunca tereis uma pequena esmola !

No unico allivio, santo dos enfermos
Ides gemendo, e vossos mil gemidos
Vão derramados se perder nos ermos...

Famintos, ides pelas más estradas...
E não podeis tocar, os prohibidos
Fructos de luz das arvores doiradas !...

Caminho do cemiterio

Enlevada n'um intimo transporte,
A flebil voz, do sino funerario,
N'elle, deslisa, a pavida cohorte,
Dos expulsos da vida e do calvario.

O favorito a quem protege a sorte,
O condemnado do destino vario,
Mudos e brancos do pallor da morte,
Vão por elle, com o mesmo itinerario.

Entre tristonhos funeraes e hymnos,
Quando elles surgem no sendal sombrio,
Se ouve gemer e soluçar os sinos.

E todos seguem sobre o mesmo throno,
De mãos geladas pelo mesmo frio,
De olhos fechados pelo mesmo somno.

Dôr

Oh ! dôr ! oh ! dôr ! oh ! tragico oceano,
Em tempestade em rabidos furores !
Inflando o dorso altivo e soberano
Geme e soluça oh ! mar dos amargores.

Nos gemidos, na voz, do ser humano
Eu escuto os teus funebres clamores...
Une tambem n'esse concerto insano
Os gemidos em flôr das minhas dores !

N'esse teu seio em vagalhões afflictos,
Onde scintillam lagrimas de tantos,
Tambem soluça a vaga de meus gritos !

Como te ouvindo sonhará, sem ais,
Esse que dorme e que não tem mais prantos,
Esse que dorme e que não geme mais !

Ao Homem

A proposito da morte de Severo.

Em vão buscas voar ! O pó te prende,
E ao seu seio te attrahe e te aguilhõa !
Lôuco ! fitas o azul que alem se estende
E queres azas p'ra voar: atõa,

Fulgindo, longe a via-lactea explende
Errando n'amplidão que o sol povõa,
E ao ver a estrella que no ceu se accende
O sonho eterno te murmura: võa !

E vaes, (da gloria ouvindo a estranha tuba)
A ver o espaco —esse leão que encerra
Mundos, astros e soes dentro da juba...

Sobes e cahes, mas tens, heroe bemdicto !
Na queda—a gloria de fugir da terra
E de morrer nos braços do infinito.

Alma humana

Reine a guerra cruel—monstro satanisado,
N'um oceano de sangue, a terra transformando,
E o oceano braveje, immenso, encapellado,
Branços Andes de espuma aos ceus, arremessando.

Role um astro do azul no chão, espedaçado
E a terra em mil vulcões, ruja de vez em quando,
Rasgue-se o firmamento, eterno, constellado
E o homem assistirá essas scenas, zombando...

Mas, suprema irrisão! grande sarcasmó infindo!
Elle que tudo vê n'um sorriso de goso
E essas scenas applaude, e contêmpla-as sorrindo:

Cobarde, tremerá sob um pavor funereo,
Se ouvir, uma só vez, uma só vez, nervoso,
Uma enxada cavar no chão d'um cemiterio.

A vida e a morte

Para aquelle que vai de delirio em delirio,
Tristonho a soluçar, n'uma existencia escura,
Vendo o martyrio atraz, vendo adiante o martyrio,
E o tormento d'um lado, e d'outro a desventura:

Sem ter para guiar-lhe um pequenino cyrio,
Sem nos hombros sentir, as azas da ventura,
A morte, mais parece um grandioso empyrio,
E a vida, uma profunda e horrenda sepultura.

Uma—mostra no seio, a paz, o esquecimento;
Um leito onde adormeça, e um somno que o conforte,
E a outra—a magoa sem fim, o pranto, o soffrimento...

Ah ! para esse infeliz, sem sonho e sem guarida,
Esta vida cruel, esta existencia, é a morte
E a morte tão medonha—a verdadeira vida.

Esperança

Oh esperança ! oh ! mãe dos Opprimidos !
Noiva da dôr vestida de luares !
Tu derramas canções nos meus gemidos,
E soltas rouxinões nos meus pesares !

A vagueiar por edens destruidos,
Por invias terras e por invios mares,
Vaes, sobre os tristes corações feridos
Desdobrando o pendão dos teus olhares !

Tu, que me guias, n'esta vida o passo,
E levas-me, ante a dôr—bravia fêra—
A sorrir amparado no teu braço;

Has de mostrar-me o ceu branco e risonho,
Quando morrer-me a ultima chimera,
Quando expirar meu derradeiro sonho !

O SONHO DO ETERNO

I

Crear um novo mundo, eterno e formidavel,
A cuja face o sol seja um astro obscuro,
Eis seu ultimo sonho, immenso, inegualavel,
Que põe um outro ceu dentro do ceu escuro.

Contemplando a amplidão, vasta, muda, impalpavel,
E a terra arida e tosca, e, o mar negro e perjuro,
Os tem como uma obra, informe e detestavel,
Ao comparal-a a si, e ao seu mundo futuro...

E nas azas sem fim de gigantes idéas,
Fica louco, febril, grandioso, tremendo,
A desenhar na mente, esboços de epopéas...

E lembrando, os milhões de sec'los, que correram,
Adormece a fitar, junto aos seus pés, gemendo,
Os espectros senis dos sóes que já morreram.

II

E o seu mundo ideal, surge, ante si, brilhando,
E se avolluma e cresce, aos seus olhos pasmados;
Um planeta infinito, onde ha anjos, cantando,
Cheia d'arvores d'oiro e lagos azulados;

Em torno, um mar de luz assoma, arremessando
Aos rochedos de prata, os vagalhões doirados,
Mil ilhas de coral, surgem, roseas, em bando,
Onde habitam somente, alvos reis encantados.

E a sonhar, e a sorrir n'aquelle sonho lindo,
Acorda, e mudo vê, colerico, surpreso,
Somente a terra agreste e o velho mar, rugindo:

E então, fero e cruel, sarcastico esquisito,
Olhando a terra e o mar, n'um gesto de desprezo,
Cospe estrellas e sões na face do Infinito.

Braço humano

Como um deus, derramando claridades,
Vem, e sereno, intrepido, valente,
Passa, por entre o uivar das tempestades,
Jorrando, sonhos, luminosamente;

E surgem logo imperios e cidades,
Do mar se rasga o coração plangente,
E a aeronave, nas immensidades,
Leva o mortal aos pés do Omnipotente.

Mas elle, que do mar, desce as entranhas,
Alto titan terreno, que se atreve,
Quebrar os Andes, derribar montanhas...

Oh! ironia sempre viva e nova!
Inda não pde erguer, a tampa leve,
Que o prende dentro d'esse abysmo—a cova.—

O POETA

O poeta—é um Deus piedoso e iracundo
Que rouba olhos á luz e os dá a escuridão
E atravessa a existencia, illuminando o mundo
Com um sonho em cada olhar e um astro em cada mão

Desterrado titan, do Olympo moribundo,
Trouxe dentro no craneo, uma constellação.
Um antro de leões e um pombal gemebundo
Os suspiros de um lago e as febres de um vulcão.

Na batalha da gloria aurea, infinita e bruta,
Entra, e no turbilhão, immenso e illuminado
Rútila o seu perfil entre os clarões da lucta.

E glorioso após volta entre milhares de hymnos,
Erguendo o pavilhão do Verso, ensanguentado
D'esse sangue de luz dos Combates Divinos.

O esquecimento

Ah ! se elle para a dôr, nunca existisse,
Na terra má não vibraria um canto,
Não haveria um labio só, que risse,
E nem uns olhos de mortal sem pranto.

SEGREDOS DA TERRA

Mostra ao mortal o seio immenso e farto,
E dê-lhe o trigo, o diamante, a opala,
Mostra-lhe a vida, que do pão rebenta,
E maternal,—em zelos, o alimenta
Para depois elle ir alimentar-a.

SARCASMO

Oh ! Sarcasmo de agudas e sangrentas
Garras de fogo eternas, luzidias !
Do labio humano, indomito, rebentas,
N'uma explosão de gargalhadas frias !

Vejo-te, dando punhaladas lentas
E derramando mortes e agonias,
Cavalgando, em bonanças e tormentas
O vermelho corcel das ironias.

Te oiço na voz dos sinos nos enterros
E em toda parte vejo-te fulgindo
Manêl Texel Pharê dos ímpios Erros !

E os que te vêem n'esta vida escura,
Aham-te apos ironico, sorrindo,
Dentro das trevas d'uma sepultura !

Ultimo

Quando o diluvio vier—a morte—e irosas
Tempestades jorrar no meu ceu nuveo,
No espaço abrindo fauces horrorosas
Mil fontes vomitar, como um vesuvio.

Quando, do meu amor—paiz de rosas—
Matar o cataclysmo, o santo efflúvio,
E as suas vastas capitaes famosas
Se affogarem nas aguas do diluvio.

Meu verso ! deixa que esse abysmo trague-as !
E ao vires do meu sonho, em triste bando
Morrendo as pombas e morrendo as aguias...

Então as azas a fulgir de magoas,
Desdobra, e fica rutila, boiando:
Arca d'um sonho, a deslizar nas aguas.